

TRIBUNA LIVRE



EDNÉA HARCKBART

A mulher pomerana, sua força e história

A imagem do forno a lenha com o brote colocado cuidadosamente em cima da folha de bananeira me é familiar. É símbolo de recordações da mãe, avó e tias. Enquanto o pão assava, era preparada a carne de porco frita para guardá-la em latas, conservada na banha por meses.

Conversa sobre assombrações; imaginação à solta; trigo, ovos, goiabada derretida para a confecção de biscoitos; o Natal se aproximava.

E o pinheiro (tinha que ser o mais bonito e mais verdinho), com presépio embaixo da árvore; com direito até a um lago com patinhos nadando; e a confecção da coroa do advento com as fitas e velas vermelhas – quanta riqueza de detalhes.

Decorar versinhos no dialeto pomerano e recitar para São Nicolau trazer balas. O dialeto? Ensinado pelas mulheres.

A Páscoa era motivo de muito movimento. As casas e a igreja recebiam toalhas novas, bordadas em ponto cruz com motivos da festa. Os ovos de galinha: Tia Júlia cozinhava, depois pintava com cera derretida, casca de cebola e papel crepom; e as crianças faziam ninhos, enfeitados com flores para receber o coelhinho.

A avó se negava a aprender o português; que bom, o pouco que sei hoje de pomerano se deve às férias passadas em sua casa.

A chegada da cegonha exigia imaginação, ela pescava o bebê nos lagos ou rios e fazia deslizar pela chaminé toda suja de fuligem. Quem esperava de avental aberto? A parteira.

Devemos entender o sincretismo existente entre o sagrado e o profano, tradições trazidas do além-mar. Entender a religiosidade popular? As raízes, sua devoção à natureza, suas divindades? Só as mulheres.

Rezas transmitidas por várias gerações, somente por mulheres. E que deviam ter dotes morais, tais como virtude e honra.

Tia Janeta costurava patuás para guardar no peito, por baixo da blusa. O que tinha lá dentro?

Só ela sabia.

À noite, todos sentados à mesa para ouvir histórias dos mais velhos, sobre a segunda guerra, as perseguições sofridas também pelas mulheres que dormiam no cafezal, com os filhos, amamentando bebês; contra todas as adversidades, bichos peçonhentos, frio, chuva, elas estavam ali, organizando na cabeça a esperança através da fé.

A imagem dos casamentos me saltava aos olhos, quantos detalhes, quanta fartura: linguíça defumada, frango ensopado, batatas cozidas, arroz doce, sopa de pêssego, bolos, biscoitos, pães, brotes, ornamentos com flores naturais. Três meses de dedicação das mulheres pomeranas, para três dias de festa.

Tudo feito em mutirão pelas melhores cozinheiras, cada uma dando o melhor de si, sem nada cobrar.

O dote da noiva? Um baú, uma máquina de costura, um cobertor de pena de ganso e uma vaca.

A mulher sabia que devia aprender

a fazer o brote para arrumar um bom casamento. O brote tem toda uma alquimia da mulher pomerana que, além de misturar os ingredientes, sovar e assar, também fatia o pão para servir à família.

Tudo isso faz valer a frase de Paula Gabe, de Ibirubá/RS: “A mulher pomerana trabalha o dia inteiro, mas sempre de bom humor.” “Dai pomerisch fruug arbeit den gansa dag, awer is ümer lustig.” Essa é a mulher pomerana: Dona de casa; trabalhadora incansável. Guerreiras, que transpuseram as barreiras e que tanto contribuíram para a construção do Espírito Santo.

Ednéa Harckbart é jornalista, escritora e funcionária pública



A mulher pomerana trabalha o dia inteiro, mas sempre mostra o seu bom humor